

Uma campanha sem conteúdo

A melhor oportunidade dos últimos 30 anos para se definir com clareza um projeto econômico e social para o Brasil está sendo desperdiçada pelos candidatos a presidente da República. Faltam 177 dias para a eleição e os candidatos e partidos praticamente não disseram nada que interesse ao futuro do país, salvo exceções honrosas do PSDB e PT, os únicos que já formularam propostas de governo.

Faz-se uma campanha com abobrinhas, com superficialidades, eventualmente com discussão de alguma idéia, mas raramente aprofundando temas que sejam decisivos para tirar o Brasil da deprimente condição de país tão grande aqui dentro e tão pequenininho lá fora, aos olhos do mundo. O ponto de referência desse marasmo é o quintal de cada um, a visão estreita de que o que importa é espiar por cima do muro para ver como vive o vizinho, e não olhar sobre a linha do horizonte para descobrir exemplos exibidos pelos países desenvolvidos.

Ainda há pouco o PMDB deu o melhor exemplo de como a campanha eleitoral parece um balão cheio de ar. Durante pelo menos um mês, quatro candidatos disputaram a preferência dos convencionais do partido, e também da opinião pública, sem que nenhum deles ao menos dissesse por que queria ser candidato a presidente da República. No máximo, dizia-se que alguém estava a favor ou contra Sarney ou Ulysses Guimarães, era moderado ou progressista — como se fosse progressista alguém que seja febrilmente contra, por exemplo, a entrada de capital estrangeiro no país, posição que não provoca mais coceiras em partidos esquerdistas do primeiro mundo. No momento, o candidato escolhido, Ulysses Guimarães, continua imprensado entre moderados e progressistas, como equilibrista de circo, fazendo malabarismos para encontrar um caminho que agrade aos bastidores e, naturalmente, à plateia.

Se se espremer o candidato que disparou no primeiro lugar das pesquisas, Fernando Collor, não se tira dele mais do que um discurso de três linhas — contra os marajás e contra os escândalos em geral, a favor da extinção de alguns ministérios e, consenso nacional, da renegociação da dívida externa em novas bases. Ninguém dúvida da hipótese de ele ganhar a eleição logo no primeiro turno, com maioria absoluta de votos, mas por enquanto tem sido simplesmente um candidato almofadinha. Ele até vem se

especializando em convocar entrevistas para os aeroportos, quando vai chegando a alguma cidade, e aí dá sempre a idéia de que está correndo contra o tempo — vai andando enquanto fala, apressa-se quando alguma pergunta mais séria sobre intenções de governo toca em seus calos e não dá respostas precisas sobre o que pensa, como se quem tivesse pressa fosse ele e não o país para sair do atraso. O que Collor anda falando por aí ganhará coloração de demagogia se logo não vier desdobrado em planos concretos de governo.

Leonel Brizola não fica atrás, embora tenha outro estilo e mais experiência. Levou dois meses batendo mais em Lula do que nas idéias que o candidato do PT representa. Virou seu estilingue contra a Igreja, não porque seja contra ela, mas porque boa parte dela, a representada pelas comunidades eclesiais de base, apóia Lula. Agora, preparem-se, depois de ver Lula sucumbir nas pesquisas, menos por causa de seus ataques do que pelo atropelo do grevismo da CUT, Brizola mira a candidatura de Collor. E já o atinge de tal maneira, atacando a vida pública do candidato do PRN, que se rebaixa da condição de estadista com que se apresenta perante a Internacional Socialista para a de mero candidato a promotor público, com todo o respeito que o Ministério Público merece.

Brizola achava no início do mês que Collor teria fôlego para se manter no topo das pesquisas apenas até junho. Agora, não tem dúvidas de que o fôlego de Collor pode chegar a setembro. Pensava que seria melhor esperar que outros candidatos, como Ulysses, Covas, Lula e Aureliano, batessem primeiro em Collor. No fim de semana, em seu artigo publicado como matéria paga nos jornais, mostrou que mudou de idéia.

É desse respeitável time que sairá, com muita certeza, o presidente da República que governará o país na primeira metade da última década deste século. E não se sabe com clareza e precisão até agora o que os candidatos pensam e garantem fazer com questões da maior importância para o futuro do país, como a modernização da máquina do estado, a privatização de empresas estatais, a intervenção do estado sobre a atividade econômica, o papel e o grau de aceitação do capital estrangeiro.

Só a análise deste último tema revelaria o tamanho do fosso que separa o Brasil das grandes nações. Os principais países da Europa adotam como posição indispensável para progredirem ainda mais a quebra de barreiras ao capital estrangeiro. A esquerda brasileira prefere o atraso, embora já se perceba dentro dela a inquietação de alguns setores, interessados em rediscutir esse assunto.

Marcelo Pontes